

## O EU, O OUTRO E O NÓS: MOBILIZAÇÕES E INSPIRAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

THE SELF, THE OTHER AND THE WE: MOBILIZATIONS AND INSPIRATIONS IN THE SCHOOL CONTEXT

Ana Carolina Galdino da Luz<sup>1</sup>  
Flávio Caetano da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo coletamos informações referentes às mobilizações presentes na carreira docente, a partir da participação de professores da Educação Básica, da escola pública. Buscou identificar e compreender o que mobiliza e instiga o prazer docente em continuar lecionando. A pesquisa faz parte do curso de pós-graduação, intitulado: “Da Escola Pública a Escola Outra: relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho”, oferecido pelo Departamento de Educação da UFSCar. Sendo assim, utilizamos como base teórica a teoria da relação com o saber, fundamentada por Charlot. Os dados foram coletados por meio de questões abertas e posteriormente analisados qualitativa e quantitativamente. Observou-se semelhança e aproximação de conteúdo nas informações exploradas, mesmo diante de perspectivas e experiências distintas.

**Palavras-chave:** Narrativas- mobilização. Relação com saber. Docência. Instigações.

**ABSTRACT:** In this article we collect information regarding the mobilizations present in the teaching career, from the participation of Basic Education teachers, from public schools. It sought to identify and understand what mobilizes and instigates the teacher's pleasure in continuing to teach. The research is part of the postgraduate course entitled: “From the Public School to the Other School: relationships with knowledge that affect life and work projects”, offered by the Department of Education at UFSCar. Therefore, we use as a theoretical basis the theory of the relationship with knowledge, founded by Charlot. Data were collected through open questions and subsequently analyzed qualitatively and quantitatively. Similarity and approximation of content was observed in the information explored, even in the face of different perspectives and experiences.

**Keywords:** Narratives-mobilization. Relationship with knowledge. Teaching. Choice. Instigations.

### INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa surgiu a partir de experiências e observações no ambiente escolar, vivenciadas na infância e por meio da minha profissão como docente, da rede pública, dos anos iniciais. O presente trabalho terá como eixo norteador o móbil, na busca de compreender as mobilizações que perpetuam a vida e cotidiano do professor.

Para que exista mobilização, é necessário existir motivos indispensáveis e razões suficientes para que se produza sentido (CHARLOT, 2000). Diante disso, a pesquisa se debruçará em compreender as razões e justificativas que fundamentam o fazer pedagógico, investigando e

<sup>1</sup> Ana Carolina Galdino da Luz, anagaldino.luz@gmail.com

<sup>2</sup> Flavio Caetano da Silva, flaviocaetano@ufscar.br

compreendendo os sentidos e mobilizações (móbil) que cercam a vida dos docentes e os impulsionam a prosseguir lecionando.

Este trabalho é oriundo de uma reflexão metanarrativa sobre minha história de vida e formação. Compartilharei quem eu sou, o que faço e algumas experiências e vivências pessoais e profissionais, juntamente com indagações e inquietações.

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32).

As histórias resgatam nossas recordações e fazem parte de nossa identidade. Como me vejo? Como tenho narrado minha história? Quem sou eu? Como me defino? Desta forma, evidenciamos a importância e contribuição para a vida do docente em narrar sua história de vida. Ao narrar revivemos as memórias, relembando os momentos e trazendo à tona os sentimentos existentes.

Sou professora do ensino fundamental e desde quando iniciei a carreira como docente sentia que algo me intrigava, diante das razões, motivos e instigações do fazer pedagógico. O que mobiliza o/a professor/a a dar aulas? Essa pergunta permeará todo o trabalho, pois no decorrer da pesquisa buscamos por respostas e reflexões acerca desse assunto. O motivo da escolha profissional, o prazer em lecionar, as influências externas motivadoras e a permanência e desejo em continuar, em querer estar ali.

Durante minha trajetória como estudante e atualmente como profissional da educação, sempre presenciei a desmotivação dos docentes por meio de relatos realizados no ambiente escolar ou fora dele. Diante dessa realidade, surgem algumas inquietações.

Me deparei por diversas vezes questionando o fundamento dessas desmotivações, o porquê da escolha profissional e o que ainda promovia o desejo em lecionar mesmo diante de todos os desafios apontados. O que nos proporciona o anseio por essa formação? Quando e por qual motivo a decisão em se tornar profissional de educação veio à tona? Qual é o móbil? O que nos movimenta? E o que nos mobiliza a continuar lecionando sem almejar a mudança de cargo ou ambiente profissional? Sendo assim, a partir disso, construí o principal objetivo desta pesquisa, identificar e compreender o móbil, que permeia o fazer pedagógico e à docência em sua totalidade. Nessa pesquisa nos baseamos em diferentes conceitos, sendo um deles: a relação com o saber, definida por Charlot (2000, p.78) como “a relação do sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros”.

Visando facilitar a compreensão dos assuntos abordados, o artigo foi organizado e estruturado de modo a garantir a abrangência dos diferentes temas explorados no curso de Especialização intitulado “Da escola pública à Escola Outra: relações com o saber que afetam projetos de vida e do trabalho”, oferecido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos entre 2021 e 2022. Iniciamos pela “Auto narrativa de formação”, remetendo-nos à história de vida e resgatando algumas memórias e vivências. A partir de uma provocação “Saberes da profissão”, descrevemos experiências profissionais, percepções obtidas a partir do contexto escolar e a presença da disciplina de Arte, no espaço educacional. Uma segunda provocação se intitulava “Biografia e Educação”, na qual dissertamos sobre a importância de narrarmos o que vivemos, a partir da perspectiva de Delory-Momberger (2016), efetivando reflexões acerca das práticas educativas, fatores relacionados à constituição do indivíduo e exposição de alguns conceitos teóricos relacionados ao tema trabalhado. Em “Móbil e mobilização”, enfatizamos reflexões e questionamentos referentes ao que mobiliza o docente a continuar lecionando e fizemos menção a alguns relatos e memórias escolares. Com esses temas e reflexões construímos uma narrativa de vida e formação para elucidar o que nos move no campo

da educação e, em particular na função docente. O que apresentaremos abaixo são narrativas de formação escolar e profissional da autora deste artigo, permitindo algumas digressões.

## AUTONARRATIVA DE FORMAÇÃO

Tenho 28 anos, sou pedagoga e trabalho em uma escola da rede pública. Não me recordo de momentos vivenciados na infância, no ambiente escolar. Não tenho recordações de situações vivenciadas na Educação Infantil, ou memórias de fatos que retratem essa fase da vida. Lembro que desde pequena, por volta de uns sete anos de idade brincava de professora e almejava essa profissão. Interagia com as bonecas e tinha alunos imaginários. Era uma das minhas brincadeiras prediletas, escrever na lousa e usufruir da fantasia, imaginando estar em sala de aula, no papel de docente. Me lembro de breves acontecimentos do ensino fundamental e de professoras da 3ª e 4ª séries<sup>3</sup> que se tornaram marcantes para mim.

Iniciando minha trajetória, inicio por me identificar. Sou filha de mãe solteira. Não conheço o meu pai, pois o mesmo ao saber que minha mãe estava grávida decidiu não assumir a responsabilidade. Minha mãe teve cinco filhas, sendo quatro delas mais velhas que eu. Desta forma tive o privilégio de usufruir de recursos materiais e de uma situação de vida diferente das minhas irmãs que passaram por necessidades financeiras, trabalharam muito cedo e vivendo em lugares insalubres.

Sempre estudei em escola pública. Ao me deparar com a transição do ensino fundamental para o ensino médio, decidi prestar alguns cursos técnicos e desta forma juntamente com as orientações das minhas irmãs realizei um curso preparatório criado por projetos sociais e voltado à população de baixa renda. Ao saírem os resultados, fiquei na lista de espera de uma escola técnica, tendo aproximadamente dez pessoas na minha frente. Um certo dia, quando menos esperava, recebi uma ligação, a qual me convocava para a realização da matrícula. Iniciei meus estudos, cursando o técnico em Administração e o ensino médio concomitantemente.

Devido a essa carga horária, acordava todos os dias às cinco horas da manhã e chegava em casa por volta das oito horas da noite. Inicialmente foi tudo muito difícil. No primeiro ano de curso a média foi alterada de 5,0 para 6,0. A minha turma seria a última, pois o curso se extinguiria, sendo assim não poderia haver reprovas. Senti muita dificuldade no ensino e na aprendizagem, principalmente das disciplinas da área de exatas, percebia que eu estava “atrasada” em alguns requisitos e precisei tentar suprir essa defasagem, considerando também que as atitudes de alguns professores não favoreciam, existia rispidez, falta de paciência e uma certa arrogância.

Ao concluir o curso precisávamos realizar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), o que se tornou para mim mais um desafio. Tínhamos que realizar um estágio na área cursada e detalharmos neste trabalho as atividades exercidas. Uma das professoras, com quem eu tinha mais proximidade era proprietária de um escritório de contabilidade e a mesma já havia oferecido o mesmo estágio para uma outra aluna e me prometeu que ao final do curso faria o mesmo comigo. Porém ela estava para se aposentar e o escritório entrou em reforma.

Após o término do curso, tentei contato por diversas vezes, mas infelizmente sem sucesso. Comecei então uma busca incessante por estágios, mas como já havia terminado os estudos isso me atrapalhava, já que precisava deste vínculo para realização do mesmo. Tentei por inúmeras vezes, já estava desanimada e desolada, acreditando que os três anos de curso tinham sido em vão.

Durante os estudos, aos finais de semana trabalhava na lanchonete do meu cunhado, auxiliando-o como atendente no caixa. Depois de algum tempo após o término do curso, sem

---

<sup>3</sup> Optamos por manter a nomenclatura “série” correspondente à época retratada.

saber como faria o estágio propus ao professor responsável que verificasse a possibilidade de realizá-lo no estabelecimento em que eu trabalhava, descrevendo as atividades que ali realizava. O tempo passou e a resposta chegou! O professor me retornou dizendo que eu poderia fazer desta forma e assim apresentar o trabalho final. Após tantos desafios, incertezas e angústias recebi o diploma do curso técnico em Administração.

Após o ensino médio realizei dois anos de cursinho preparatório e iniciei as infundáveis provas do vestibular. Durante este tempo, comecei a trabalhar como monitora em um Centro de Educação Infantil, foi a partir desta experiência que decidi que realmente queria cursar Pedagogia.

Nessa trajetória de vestibulares descobri por meio de colegas e conhecidos que a PUC-Campinas oferecia um vestibular social. Me inscrevi e fui aprovada. No decorrer do curso, participei do Projeto de Iniciação científica e do PIBID, projeto que se destinava à iniciação à docência.

No segundo ano de curso consegui um estágio na Fundação Bradesco, uma escola que me inspirou, me motivou e um lugar que marcou minha trajetória. O contrato infelizmente tinha um prazo determinado, estagiei por dois anos.

Após a conclusão da graduação iniciava-se uma nova etapa, a de me sentir de fato professora juntamente com a insegurança e responsabilidade de lecionar. Comecei a distribuir diversos currículos, porém encontrei uma certa dificuldade, pois a maioria das instituições escolares exigiam experiência na área. Isso me fez refletir muito sobre as oportunidades e as portas que se abriam para as pessoas recém graduadas. Procurei por emprego em diferentes áreas, mas sempre com foco em lecionar, algo direcionado à aprendizagem de crianças, jovens ou adultos. Foi neste processo, que fui contratada para trabalhar em um Centro Comunitário, tendo como público, crianças e adolescentes que estavam entre 6 e 15 anos de idade e que se encontravam em situação de vulnerabilidade social. Foi um momento desafiador, minha primeira experiência como educadora social. Obtive muito conhecimento e fui uma das educadoras que construiu o maior vínculo com as crianças e principalmente com os maiores.

Logo depois tive o prazer de assumir como docente no município de Hortolândia e em Sumaré, ambos no Processo Seletivo. No ano seguinte fui convocada no concurso e em 2021 no Processo Seletivo de Vinhedo.

Na escola Fundação Bradesco e na outra instituição no município de Hortolândia me encantei com as duas diretoras, com as quais pude compartilhar tantas experiências. Me marcaram pela persistência, doçura, empatia e amor pela profissão.

Atualmente ter a minha turma e exercer a profissão que tanto almejei é um sonho realizado! É uma profissão que sinto prazer em realizar e dedicar-me. Amo o que eu faço!

## SABERES DA PROFISSÃO DOCENTE

Trabalhei em um município, em que a disciplina de Arte se encontrava presente até mesmo para os mais pequeninos, abrangendo crianças de 3 a 5 anos da Educação Infantil. Achei a ideia muito interessante e acredito que deveria permear cada vez mais nas diferentes faixas etárias. Hora e Salerno (2020), destacam que a Arte proporciona a emancipação, o senso crítico, a quebra de paradigmas e padrões.

Sabemos que é uma disciplina e um aspecto cultural pouco valorizado socialmente. O ambiente educacional deveria ser espaço potencializador, proporcionando a expansão desses saberes e o seu reconhecimento no espaço escolar e fora dele. Quando exploramos a Arte nos permitimos sair do nosso eu, buscando outros olhares, explorando a criatividade e a imaginação.

A experiência em conhecer e produzir a arte do blecaute e colagem, propostas durante o

curso de especialização acima citado, foi muito interessante. Não conhecia essa proposta e por esse motivo realizei algumas reflexões acerca dessa produção artística. O blecaute baseia-se na apropriação de uma ideia já existente que sofre modificações surgindo assim, um novo contexto e mensagem. Pensando na rotina educacional, fazemos esse processo constantemente. Comumente temos uma ideia central como base e a partir dela adaptamos o conteúdo de acordo com nível de aprendizagem e perfil da turma.

É intrigante observar que a partir de uma concepção e um sentido já estabelecido torna-se possível a criação de uma nova ideia com significados opostos.

## BIOGRAFIA E EDUCAÇÃO

Diante das discussões e textos apresentados no referido curso de especialização, muitas das situações vivenciadas no cotidiano escolar, me proporcionaram reflexões e uma melhor compreensão das experiências compartilhadas. Delory-Momberger (2008) baseia-se no pressuposto de que narrar é interpretarmos os que vivemos, atribuindo sentido ao passado e buscando nos tornar sujeitos da nossa própria história de vida. Escrever minha auto narrativa proporcionou exatamente isso, refletir sobre o que foi vivenciado e sobre o significado atribuído a cada momento.

Quando cursei o ensino médio, me senti muito perdida e uma *carta fora do baralho*. Disciplinas que envolviam cálculos e conteúdos mais complexos como Física e Matemática despertavam em mim uma sensação de incapacidade. Sentia que não conseguia acompanhar a turma. Atualmente percebo que essas situações e emoções vieram à tona, pois muitas das vivências proporcionadas não me faziam sentido, impedindo que ali existisse atividade intelectual e que as informações e conteúdos fossem transformados em saberes. De acordo com Bernard Charlot (2000) o que não faz sentido não conseguimos transformar em saber.

Porém como discutido e apresentado no curso de especialização, Delory-Momberger (2016) menciona que a experiência com o outro é algo que transforma, não sendo possível saímos de uma relação da mesma forma que entramos. Sendo assim, hoje como docente busco analisar minhas práticas, minhas falhas e dedicar o melhor de mim como pessoa e profissional. Observar atentamente as necessidades educacionais das crianças e refletir sobre o que posso fazer e de que forma agir.

Tenho me atentado aos rótulos e preconceitos presentes na escola e sobre mudanças de atitudes para que ocorra uma menor reprodução e transformação de determinados conceitos no espaço escolar, buscando não ser quem fui ontem. Sinto que sempre terei algo para melhorar, por esse motivo acredito que as formações representam uma busca por novos saberes e auxiliam muito nesse processo.

Me deparei por diversas vezes analisando minhas práticas, mas ao mesmo tempo sem saber conciliar as mudanças almejadas com a demanda de conteúdos estabelecidos, os métodos avaliativos e os padrões estipulados, que acabam por limitar a diversificação das metodologias e didáticas em sala de aula. Me encanto pela teoria do aluno como protagonista e aos poucos tenho buscado essa efetivação. É um trabalho árduo, mas que proporciona resultados gratificantes. Gosto de modificar alguns padrões pré-determinados, como as cadeiras enfileiradas, filas dividindo os meninos das meninas e dentre outros aspectos que já são tratados como comuns no ambiente escolar. Reflito sobre formas de aproximação com as crianças, buscando romper com a visão autoritária e hierárquica, enraizada. Me preocupo com aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, explorando atividades diferenciadas e observando a criança mais atentamente, para identificar os pontos que merecem maior atenção.

Além da minha prática, reflito sobre os profissionais da educação que dispõem de conceitos

estigmatizados e menosprezados e que muitas vezes recusam transformá-los. Como poderíamos atingir esses profissionais? O que precisaria mudar? São muitas indagações. Sendo assim, busco compartilhar e aprender com o outro. Qualquer mudança já é um passo em um longo caminho que ainda temos para percorrer.

Segundo Charlot (2000), mobilização, atividade e sentido são aspectos intimamente relacionados quando nos referimos ao ambiente educacional e também se constituem em noções centrais da relação com o saber. Mobilização se remete a dois conceitos: móbil e recursos. Móbil no sentido de movimento, de motivo, causa. E a partir disso, a junção de forças e disposições internas ao sujeito, para que se torne o próprio recurso.

Outro aspecto destacado por Charlot (2000), é que a criança só se mobiliza em uma atividade, quando se coloca como o próprio recurso, identifica sentido, desejo e valor e realiza a troca com o mundo, encontrando outros recursos possíveis e existentes. Ao nos depararmos com a palavra sentido e compreender a sua importância nesse processo de mobilização, refletimos sobre o quanto muitas vezes, a escola encontra-se despreparada nessa busca por sentido na vida dos estudantes. Apresentam-se atividades, avaliações, rotinas e regras desconexas, que não agregam na formação dos sujeitos e além disso, engessam o fazer pedagógico. Significados escolares que se caracterizam como desmobilizadores. Mobilização é o oposto de motivação. O autor explica que a primeira se trata de algo interno, de dentro para fora, enquanto a motivação depende da existência do outro ou de algo. Esse é um dos aspectos que mais me instiga no ambiente escolar, compreender os fatores mobilizadores da docência.

Foucault se dedicou em estudar as formas de constituição do indivíduo moderno. Menciona e enfatiza a expressão "o sujeito desde sempre aí", realizando críticas e reflexões acerca desse sujeito tratado como dado, pronto e acabado, sendo um ser alienado, inconsciente da realidade política e social, que se permite ser manipulado facilmente e caracteriza-se como um objeto de influências. Mas para Foucault a Educação tem uma grande função nesse processo. Afirma que por meio dela torna-se possível a efetivação da autoconsciência do sujeito, ponto necessário e crucial para se contrapor à exclusão, à opressão e à incapacitação. Para Foucault não existe um sujeito pré-estabelecido, ele se constitui e essa constituição se dá por meio das relações de poder (VEIGA-NETO, 2017).

Norma e normal são conceitos que estão intimamente ligados. Vivemos cercados de normas e regras, que exercem poder disciplinar e sanções. Participamos de mecanismos de julgamentos, muitas vezes sem notarmos, por estarem intrinsecamente estabelecidos. A norma caracteriza-se por funções reguladoras e disciplinatórias. Dessa forma criam-se padrões e excluem-se os sujeitos que não se enquadram no modelo estabelecido. E assim caracteriza-se o "normal" e em contrapartida o anormal, que se destina a tudo o que foge da "normalidade" dita socialmente. Foucault nos diz (1996) que primeiro se constituiu o *anormal* o *desvio* e depois o normal. Isto porque, ao se estabelecer o processo normalizador do sujeito, cria-se a norma e se passa a punir aquele que não se enquadra com base nos estudos de Georges Canguilhem (2000).

O professor considerado "normal" nas instituições escolares remete-se àquele que se enquadra nos perfis sociais estabelecidos. O que segue fielmente o ensino tradicional, constituído por regras, segregação, autoritarismo e excessivamente classificatório. E o aluno dito como normal, diz respeito ao estudante que não apresenta dificuldades de aprendizagem, que não confronta ou questiona o professor (detentor do saber), que demonstra ser um sujeito passivo, que atinja os níveis e peculiaridades do ambiente escolar e que não possua nenhum diagnóstico médico que o defina como patologicamente *anormal*.

Na linha da produção do anormal/normal identifica-se uma importante aliada: a disciplina e o processo de disciplinamento. As disciplinas constituem-se de classificações individualizantes. Baseiam-se em técnicas para dividir as pessoas em grupos disciplinados e controláveis. O poder

disciplinar engendra saberes e seu processo permite que o sujeito se torne um objeto. O corpo das crianças, na escola, é objeto de manipulação e condicionamentos complexos, caracterizando-se também como corpo político. A disciplina é um mecanismo que atua no eixo corporal, que recorre e estabelece a norma. Pensar disciplinarmente, é pensar nos limites e dentro deles. As práticas de disciplinamento nas instituições escolares influenciam tanto os alunos, quanto os professores, no que diz respeito a interferir nos aspectos mencionados. No ambiente educacional, precisamos nos adequar constantemente aos tempos e espaços estipulados. A disciplina reforça a ideia de controle, manipulação, normalidade e condicionamento.

## MÓBIL E MOBILIZAÇÃO

O presente trabalho tem como eixo norteador o móbil, na busca de compreender as mobilizações que perpetuam a vida e cotidiano do professor. O móbil, segundo Charlot (2000), remete-se ao desejo, ao que mobiliza o sujeito a desempenhar a atividade. Para que exista mobilização, é necessário que existam motivos indispensáveis e razões suficientes. Diante disso, a pesquisa se debruçará em compreender as razões e justificativas que fundamentam o fazer pedagógico, investigando e compreendendo os sentidos e mobilizações que cercam a vida dos docentes e os impulsionam a prosseguir lecionando.

### O que faz o professor voltar a escola todos os dias?

Muitas vezes refleti sobre o que me mobiliza e instiga o meu desejo em lecionar, em estar na sala de aula e no ambiente escolar todos os dias. Percebi que rapidamente, sempre pensava nas crianças, no meu sonho de ser professora desde a infância e o prazer que sinto em ser docente. Me sinto bem, uma pessoa realizada e que não me imagino em outra área que não esteja atrelada a educação.

Socialmente sabemos que a docência é pouco valorizada e que muitos desafios percorrem o ambiente escolar. Mas além de questões financeiras, reconhecimento social, investimento estrutural e material e dentre tantos outros aspectos, a rotina escolar e o fazer pedagógico torna-se mais leve e prazeroso quando há na escola uma parceria entre famílias, gestão e professores. Sabemos que a hierarquia existe e que é rotulada e estabelecida socialmente, mas quando não é reforçada e exposta como única e absoluta, existindo assim uma comunicação respeitosa e recíproca, o trabalho coletivo flui melhor.

Lembro-me com muito carinho e admiração e hoje a tenho como uma das pessoas que mais admiro como gestora. Quando assumi meu primeiro cargo na educação como professora, tive o privilégio de trabalhar na Educação Infantil com uma diretora excepcional, chamada Sirlene. Ela me inspirou, me elogiou e manteve comigo uma relação e comunicação diferente das outras que eu havia vivenciado. O abraço dela todos os dias me aconchegava pela manhã. Sentia nela o acalento e o cuidado. Não era uma relação de chefia e subordinado. Sabíamos da sua autoridade e função dentro da escola. O seu jeito de falar, calmo e sereno, o olhar bondoso e que transmitia paz, nunca impossibilitou de assumir o cargo e cumprir os processos burocráticos e formativos. Perto dela me sentia segura, certa de que quando precisasse teria um ombro amigo. Ela sabia acolher as famílias com um olhar de amor e ao mesmo tempo os demais funcionários da escola. Amava trabalhar na mesma escola que ela, compartilhar momentos e experiências. Se estar com as crianças era o que mobilizava voltar todos os dias, ter uma gestora e também uma equipe que me acolheu muito bem, agregava ainda mais.

Segundo Charlot (2000), na teoria da relação com o saber, o sujeito é considerado um ser incompleto, inacabado, que tem a necessidade de aprender e que se constrói a partir das relações

sociais. Além disso a mesma teoria aborda fatores que proporcionam sentido e mobilização do sujeito no processo de aprendizagem. Para o autor, o ser humano é repleto de subjetividade e desejo, sendo o segundo o principal aspecto para construção humana. O desejo faz parte do sujeito e é o responsável por impulsioná-lo a aprender. Após desejar algo, a fim de se sentir satisfeito, completo, o sujeito atribui sentido, remetendo-se a valor e importância. Para Charlot o sujeito só se dedica a uma atividade quando esta lhe faz sentido. O sujeito deseja, atribui sentido e em seguida se mobiliza para realizar a atividade.

Charlot (2000, p.55), define atividade como “um conjunto de ações propulsionadas por um móbil e que visam uma meta. O móbil resume-se no desejo, o que instiga o sujeito a desempenhar a atividade. Diante disso, o que os docentes têm desejado? Qual a meta a ser alcançada? O que ainda lhe permite atribuir sentido à atividade que realiza? E para finalizar, o que lhe faz querer estar no ambiente escolar e voltar todos os dias, apesar de todos os desafios encontrados cotidianamente?

Delory-Momberger (2016, p. 137), menciona que “as experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos”. Auto narrar nossa história e vivências, nos traz recordações e ao mesmo tempo diversas reflexões acerca dos momentos mencionados. Como profissional da educação realizamos ou pelo menos deveríamos realizar, essa análise constantemente, refletindo sobre as práticas pedagógicas e os impactos e resultados deixados nos diferentes ambientes percorridos e nas pessoas que compartilharam das mesmas experiências. A memória escolar me traz diversas reflexões acerca da escola. Que espaço é esse, seus objetivos, contradições entre outras. Muitas vivências não condizem com o espaço escolar que idealizamos e com o passar do tempo muitas delas ainda são reproduzidas e perpetuadas.

Mudanças tornam-se necessárias. Nós como profissionais da educação precisamos ter um olhar diferenciado e sensível. Buscamos por transformações juntamente com a Unidade Escolar. Precisamos de um ambiente educacional que pense menos em padrões e regras. Que procure romper com a hierarquia estabelecida e inclua todos como participantes ativos, para que assim se possa pensar em práticas inovadoras, que transformem a escola em algo prazeroso e que façam acontecer na prática a função e proposta idealizadora da escola, pois no cotidiano vivenciamos situações que menosprezam e discriminam os educandos. O currículo, processo avaliativo e práticas educativas inclusivas necessitam ser modificados e implementados. A inclusão não diz respeito apenas aos que possuem necessidades educacionais, mais todos aqueles que não se sentem pertencentes e que de fato muitas das vezes não são incluídos neste espaço. Ainda existem muitas contradições entre teoria e prática. Já vivenciei e refleti sobre essas condições relatadas. Decorei muito conteúdo, por não existir sentido para mim. E mesmo após tantas conquistas, implementação de leis, decretos, documentos pedagógicos, pouco evoluímos. Ainda há um longo caminho a percorrer.

A escola na sua função social deveria ser o principal espaço para o combate aos diferentes tipos de situações que não fazem sentido, entre elas as diversas formas de violência. Porém muitas vezes, ao invés de buscar combater essas formas, acaba-se por propaga-las. Não me refiro à violência física apenas, mas uma violência à dignidade, à vida, ao direito, à moral, e tantas outras. A vida escolar merece e deve ser reescrita. Não é fácil superar as barreiras impostas pois, muitas delas já se encontram enraizadas socialmente. Mas não é impossível.

## METODOLOGIA

Os dados da pesquisa foram coletados por meio de formulário online, contendo respostas individuais e totalizando a participação de 14 docentes. O formulário foi composto por 5 questões



abertas que norteiam à docência e a exploração dos aspectos mobilizadores presentes. Os dados coletados, foram estudados baseando-se na análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 1995, p. 19).

## ANÁLISE

Charlot destaca, que quando nos referimos à mobilização, precisamos considerar os processos que ocorrem na escola, mas também os que se efetivam em relação a ela. “A mobilização na escola é investimento no estudo. A mobilização em relação à escola é investimento no próprio fato escolar” (1996, p.55). Diante disso, ressalta a necessidade do aluno de se mobilizar em relação à escola, atribuindo sentido ao fato de frequentar-la todos os dias e de aprender. Da mesma forma, o docente também precisa mobilizar-se, atribuir sentido a sua atuação na escola e ter uma definição clara do que o faz voltar a esse ambiente todos os dias. A coleta de dados, como mencionado anteriormente, foi realizada a partir de formulário online, totalizando a participação de 14 docentes.

### O que te mobilizou na escolha da profissão?

Referente ao que mobilizou o docente na escolha da profissão, surgiram nas respostas com maior frequência à influência familiar e o prazer em ensinar.

Jesus (2002), afirma que os fatores intrínsecos à docência, se sobressaem na escolha da profissão, destacando o gosto em ensinar e a contribuição com o processo de desenvolvimento do aluno.

De acordo com Tardif (2002, p.73):

a vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como uma fonte de influência muito importante que modela a postura da pessoa toda em relação ao ensino. As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seus conhecimentos práticos.

Ao nos depararmos com determinantes externos, precisamos delinear com precisão, quais são os nossos sonhos. O que o outro almeja, não poderá sobressair ao que eu desejo.

### O que me faz voltar a escola todos os dias?

A necessidade financeira e a contribuição com a educação das crianças, são os aspectos que impulsionam os professores a voltarem à escola todos os dias. Novamente aqui, surge um fator intrínseco, como a contribuição no processo de aprendizagem, mas também por outro lado, a necessidade financeira. Esta pode ser substituída por qualquer outra profissão, até porque uma das discussões mais recorrentes no campo educacional é a desvalorização salarial da docência, sendo assim, encontramos um leque variado de outros cargos que oferecem um piso salarial muito mais alto. Já a contribuição no processo de aprendizagem não conseguimos efetivar sem termos vínculo com a educação e o propósito realizado por meio dela.

### Quais são os maiores desafios encontrados?

Quanto aos desafios encontrados na docência, predomina a falta de recursos materiais e/ou



estruturais, a relação com as famílias, desvalorização profissional, questões financeiras, quantidade de alunos em sala de aula, falta de funcionários e dificuldades enfrentadas em relação à defasagem na aprendizagem. Toda profissão oferece seus desafios e na educação não é diferente. As dificuldades presentes, não surgiram recentemente, são obstáculos enfrentados há muitos anos. Quando ingressei na graduação, esses desafios já existiam e foi uma opção continuar. Iniciei minha primeira experiência e pude vivenciar de perto e no cotidiano escolar todos esses aspectos mencionados, mas minha opção foi continuar. E sigo com a mesma convicção, continuo na área por escolha pessoal e decido todos os dias continuar tentando.

### Imagina-se em outra profissão?

Dos catorze docentes entrevistados, seis deles imaginam-se em outra profissão. Como: enfermagem, área administrativa, prestação de serviços a animais abandonados (após a aposentadoria), Psicologia ou direito e o último participante não especificou, apenas relatou pensar em outras profissões existindo um leque de possibilidades. Cogitar exercer outra profissão, indicia um certo grau de insatisfação profissional desses docentes. A desmotivação pode levar ao desejo de abandono.

### Pretende continuar a trajetória na docência?

Todos os docentes entrevistados, apesar dos desafios apontados e até mesmo diante da possibilidade de mudança de profissão, indicaram a pretensão em continuar na carreira. Segundo Noronha, citado por Leite (1988) é de fundamental importância que tenhamos consciência das contradições e limitações existentes em nossa prática educativa. E a partir disso, reforça que como consequência, o professor sempre assumirá uma posição. Como primeira opção, irá distanciar-se, mas também poderá decidir permanecer e lidar com os desafios encontrados ou ainda, ter consciência, mas acomodar-se diante da situação vivenciada. Destaca que se apropriar da real situação e encontrar meios e estratégias de superação é o meio mais viável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo surgiu a partir da minha jornada escolar e profissional. No decorrer do tempo e com as experiências vivenciadas, instigações e inquietações foram sendo construídas. Portanto, a partir da escrita desse trabalho, pude resgatar minhas memórias e ao mesmo tempo refletir sobre as mobilizações existentes na carreira docente, área que faz parte da minha vida profissional e ambiente que permeia os meus dias.

A partir da pesquisa identificamos, dentre elas a necessidade financeira e a contribuição na educação das crianças, destacadas como aspectos mobilizadores da carreira docência, no que diz respeito à volta do professor à escola todos os dias. O financeiro pode ser suprido por qualquer outra profissão, mas o desejo e a prioridade em poder participar das conquistas e aprendizagens de uma criança, jovem ou adulto não se faz possível, se não estivermos atrelados e comprometidos com a educação. Mesmo diante dos constantes desafios e apesar de alguns docentes cogitarem a mudança de profissão, todos eles responderam que desejam permanecer na docência.

Segundo Freire (2011, p.24),

é necessário que o professor: desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas

criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

A escolha em permanecer é um processo árduo. Os desafios enfrentados são diários e inúmeros, mas acima deles, prevalece o desejo em querer voltar, buscando alternativas, estratégias e metodologias para que se possa fazer hoje melhor do que se fez ontem.

O curso foi simplesmente encantador. As ideias compartilhadas, discussões realizadas, autores e referenciais teóricos apresentados, nos possibilitaram ampliar nossa visão de mundo, de escola, de ensinar e de aprender. Proporciona a análise de nossa prática e um olhar diferenciado. É sair da nossa zona de conforto, romper com paradigmas e lidar com novas estratégias e possibilidades.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. de Julia Romeu. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho. Barrocas e Luiz Octávio Ferreira Barreto Leite. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, B. **Relação com o Saber e com a Escola entre Estudantes da Periferia**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1996.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**. Figuras do indivíduo projeto. Prefácio de Pierre Dominicé. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 13ª ed. Trad. De Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HORA, C. L.; SALERNO, I. O. “Eu também sou artista!”: Arte, educação e emancipação. **Cadernos da Pedagogia**, v. 14, n. 28, 2020.

LEITE, S. A. da S. **Alfabetização e Fracasso Escolar**. São Paulo: Edicon, 1988.

JESUS, S. N. **Motivação e Formação de Professores**, Quarteto Editora: Coimbra, 2002.

PORTOCARRERO, V. Instituição Escolar e Normalização em Foucault e Canguilhem. **Educação & Realidade**. v. 29, n. 1, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA-NETO, A. J. da. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.